

A CRÔNICA de Rubem Braga**DO MEIO-FIO**

VISITO uma fábrica de automóveis de São Bernardo. Já é uma fábrica imensa (cêrca de 5 500 operários, em mais de 125 mil metros quadrados de área coberta) e entretanto ainda se está fazendo, ainda se está montando, ao mesmo tempo que vai produzindo jipes e carros de passeio. E' espantosa — sob certos aspectos, mais do que a construção de Brasília — a velocidade com que se implantou essa indústria, que exige maquinaria tão diversa e operários e técnicos de especializações múltiplas. E temos de levar em conta que esta é apenas uma das fábricas de automóveis, e que, além do trabalho de seus operários, ela utiliza o de 800 diferentes fabricantes de peças. 1 473 veículos foram fabricados em 1956; em 1959 êsse número subiu para 22 811 veículos muito mais (quase totalmente) brasileiros que os primeiros.

Passei mais de duas horas visitando a fábrica e não me cansei; é, na verdade, um passeio empolgante, pela multiplicidade de maquinaria e de tarefa, pela variedade enorme de ações manuais e mentais que exige a fatura das principais partes de um automóvel.

Na saída agradei a gentileza do diretor e cumprimentei-o pela sua indústria; êle me deu de presente um chaveiro. O penduricalho de meu chaveiro é um automóvelzinho.

Pensei comigo mesmo que no lugar de um automóvelzinho de chaveiro eu precisava era de um automóvel de verdade. Isso o homem da fábrica não me deu, o que é normal; e eu não posso comprar, o que já não é tão normal assim. Sou, afinal de contas, um velho trabalhador acreditado no meu ofício, em que labuto há 28 anos, e que me rende o bastante para me situar na camada superior da classe média. Não disponho, entretanto, de dinheiro nem crédito para comprar um carro de tipo chamado popular. Poderia fazê-lo, talvez, mas forçando meu orçamento e sacrificando meu nível de vida a um ponto que torna a posse de um carro indesejável para mim. E isso que é indesejável para mim é completamente impossível para dezenas de milhões de pessoas que neste país ganham menos do que eu.

O leitor inteligente deve estar reparando que não estou, na realidade, expondo nesta crônica um pequenino problema pessoal meu, mas um grande problema dessa indústria. Neste momento, é claro, êle não existe, pois cada veículo que desce da linha de montagem na porta da fábrica já tem seu comprador à espera, quando não uma fila de compradores. Mas o grande número de fábricas e a sua produção crescente fazem prever que o mercado interno estará dentro de pouco tempo abarrotado, pois o preço do veículo o situa além da capacidade aquisitiva da imensa maioria da população. Mesmo levando em conta que um terço dêsse preço é formado por impostos diretos ou indiretos, ainda assim o automóvel brasileiro é muito caro.

Estas humildes reflexões (de pedestre) me induzem a crer que há algo de errado em tudo isso. Pena estragar com elas a euforia que me deu aquêle espetáculo bonito de uma jovem fábrica trabalhando com tanto entusiasmo. A culpa foi, talvez, do automóvelzinho do chaveiro.